



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Tamara Silva Chagas
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Frederico Morais: da crítica à Nova Crítica

À mudança radical ocorrida nos rumos da produção artística durante os anos 1960, quando se assistiu ao surgimento quase simultâneo de práticas diversificadas e que acarretaria na transformação do próprio sentido da arte, seguiu-se um período de incerteza e de desconforto para a crítica. A inadequação do discurso crítico tradicional em relação aos novos caminhos da arte gerou um contexto de crise e trouxe à tona o embate com os jovens artistas. Essa indefinição do lugar da crítica levou Frederico Morais a estabelecer o ato criador como seu novo alicerce e a buscar uma maior abertura para sua atuação. Nesse sentido, propomos apresentar os resultados obtidos na pesquisa original iniciada em 2010 e defendida em agosto de 2012, sobre a crítica de Frederico Morais nos anos 1960 e 1970, a qual entendemos como atrelada a um projeto de expansão das atividades do crítico para além de suas fronteiras tradicionais, por convenção restritas ao formato textual. Se, por um lado, Morais agregou à sua produção textual elementos próprios da poesia, por outro, ele se engajou na elaboração de trabalhos de arte contemporânea (sobretudo, audiovisuais), em muitos dos quais realizou, poeticamente, comentários críticos de obras de artistas. Do mesmo modo, consideramos que os trabalhos de Morais na organização de manifestações de vanguarda, como Arte no Aterro, Do Corpo à Terra e os Domingos da Criação – eventos importantes para a inserção das questões da arte contemporânea no cenário brasileiro da época –, também devem ser vistos como articulados a essa proposta de deslocamento da função do crítico para uma posição não rigorosamente definida, saindo de seu campo de ação convencional para operar em um terreno híbrido. Dessa forma, discutimos na pesquisa temas relevantes para a produção textual e artística de Frederico Morais, e também para sua atuação como organizador de exposições e de manifestações de arte pública, tais como: o crítico-criador; a arte-guerrilha; a crítica militante e o engajamento em prol da abertura de espaços para o experimentalismo da vanguarda; a experiência estética do espectador e sua participação no processo criativo; o debate acerca do papel da instituição museológica; e a crença na arte como atividade potencialmente transformadora da realidade.